

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TURMAS DE EJA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

José Adailton Pinto de Souza (UFAC)
adailtonvinhorck@hotmail.com

Pedrinho Nascimento da Silva (UFAC)
prof.pedro.ist@gmail.com

Márcia Verônica Ramos de Macêdo (UFAC/UFBA)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo ampliar o conhecimento dos professores de língua materna a respeito da variação linguística e, desta forma, contribuir para a melhoria do ensino dessa temática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A metodologia adotada foi, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica sobre variação linguística, preconceito linguístico, variação e ensino, assim como as contribuições da dialetologia, da sociolinguística e da geolinguística para o ensino de língua materna, além da análise de três livros didáticos do 6º ano do ensino fundamental, todos utilizados na rede pública de ensino do município de Humaitá – Amazonas. A base teórica está fundamentada em Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004; 2014), Marcos Bagno (2002; 2014), Suzana Alice Cardoso (2010), Izete Lehmkuhl Coelho et al. (2015), Carlos Alberto Faraco (2005; 2007), Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004) os quais abordam sobre a temática de variação linguística e ensino. Espera-se que este artigo possa contribuir com o trabalho docente dos professores das redes públicas estadual e municipal, em especial, os das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de que possam desenvolver o estudo da variação linguística em sala de aula, tomando por base os conhecimentos prévios dos alunos, com a finalidade de possibilitar o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva destes, assim como a promoção da cidadania e o combate aos preconceitos, tanto linguístico quanto social.

Palavras-chave:

Variação linguística. Ensino. Educação de jovens e adultos. Livro didático.

1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) atende uma faixa etária acima de 14 anos até mais de 60 anos e está fundamentada na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB 9.394/96), nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN)

e em outras leis nacionais e estaduais, em princípios norteadores e recomendações nacionais e internacionais.

Os alunos jovens, adultos e idosos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) caracterizam-se como um grupo heterogêneo do ponto de vista da faixa etária, da fala, da cultura, da visão de mundo e dos conhecimentos prévios. O ingresso, por vezes precoce, no mundo do trabalho e a experiência social fizeram com que esses alunos acumulassem uma “bagagem” rica e diversa de conhecimentos e formas de atuar no mundo em que vivem. A escola, por sua vez, precisa conhecer e levar em conta as singularidades desses alunos.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (1997) é condição necessária a todo ser humano, para se chegar à possibilidade de plena participação social, o domínio da língua, já que é por meio dela que se pode ter o acesso à informação, obter conhecimentos, construir visões de mundo, posicionar-se, enfim, fazer parte do mundo e exercer de forma ativa a sua cidadania, é, portanto, responsabilidade da escola, ensinar e garantir o acesso aos conhecimentos que se fazem necessário para que de fato seja estabelecido a formação do cidadão pleno.

A respeito da variação linguística e ensino, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* deixam claro que:

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Dessa forma, a escola não pode, de forma alguma, estigmatizar o aluno em função dos traços que marcam sua fala. Pelo contrário, deve reconhecer o saber linguístico dos estudantes e a cultura trazida por eles e, a partir do reconhecimento dessas heterogeneidades linguísticas e culturais, procurar trabalhar com essas variedades e com a variedade padrão, uma vez que essa última se faz necessária para o uso da língua em instâncias públicas e em situações formais, com a finalidade de possibilitar o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos.

Em nossa experiência docente com turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Humaitá (AM), observamos que a temática da variação linguística, seja na proposta curricular elaborada pela

Secretaria de Educação do Estado – SEDUC, seja nos livros didáticos é praticamente nula. Tal fato não condiz com a realidade encontrada em sala de aula, uma vez que constatamos nas escolas desse município uma clientela bastante diversificada, ou seja, pessoas que vieram de comunidades ribeirinhas, das rodovias que cortam o município e até de outras regiões do país, tornando-se evidente o fenômeno da variação linguística.

Preocupados com essa situação, procuramos conhecer melhor o assunto, com o intuito de ajudar o professor de língua portuguesa ao trabalhar com a variação linguística em sala de aula. Realizamos, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica sobre variação linguística e ensino, assim como as contribuições da sociolinguística e da geolinguística para o ensino de língua portuguesa. Na sequência, fez-se a análise de três livros didáticos do 6º ano, todos utilizados na rede pública de ensino do município de Humaitá (AM).

O objetivo deste artigo é possibilitar a ampliação de conhecimento dos professores de língua materna a respeito da variação linguística, a fim de que possam desenvolver o estudo dessa temática em sala de aula, tomando por base os conhecimentos prévios dos alunos, com a finalidade de tornar possível o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos estudantes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), promovendo a cidadania e o combate aos preconceitos, tanto linguístico quanto social.

2. A variação linguística e o ensino de língua

A língua é um instrumento de interação social. Através dela, os indivíduos compartilham suas experiências e transmitem seus valores sociais, culturais e religiosos às novas gerações. Pelo fato de não ser um instrumento de comunicação pronto, fixo e inalterável, a língua sofre muitas variações, tornando-se heterogênea.

A língua portuguesa falada no Brasil não foge a essa regra, uma vez que fatores extralinguísticos como o *status* social, o grau de instrução, o sexo, a idade, a profissão e o lugar de origem, entre outros, interferem no processo da fala e, conseqüentemente, na escrita.

Conhecendo essa realidade, entendemos que o professor, em sala de aula, deve abandonar a maneira de trabalhar a língua na perspectiva do “certo” e do “errado”, deixando de lado a ideia de que existe apenas uma modalidade considerada padrão, a qual é, comumente, baseada nas

normas gramaticais. Além disso, deve considerar a origem e o contexto social dos alunos, uma vez que estes produzem diversas variedades linguísticas no contexto escolar, oriundos das agências de letramento baseadas em sua experiência de mundo.

Segundo Irandé Antunes (2007, p. 147), o estudo de línguas no ambiente escolar deve “*objetivar a ampliação de todas as competências que a atividade verbal prevê*”. Isso implica promover nas pessoas, o desenvolvimento de capacidades para: ler e entender um texto de qualquer gênero, tipo e dimensão; interagir em público, em contextos formais e informais; se expressar por escrito de forma clara, coesa e coerente; usufruir do gosto estético das produções literárias; relacionar as informações dos textos verbais.

Portanto, o conhecimento de questões sobre variação linguística faz-se necessário para que o professor se sinta seguro e realize práticas pedagógicas adequadas a fim de abordar os fenômenos linguísticos em sala de aula, aproveitando as experiências de mundo dos alunos, o conhecimento compartilhado, ou seja, o professor deve ser também um leitor da sua clientela e de suas vicissitudes e um pesquisador dos fatos da linguagem que surgem no contexto escolar e podem ou deveriam ser melhor “aproveitadas” e utilizadas.

3. A variação linguística nos livros didáticos

O estudo da língua portuguesa trazido pelos livros didáticos, até pouco tempo, baseava-se numa concepção de língua homogênea e completamente uniforme em sua estrutura. Dessa forma, os livros didáticos ignoravam as variações e as mudanças linguísticas que são inerentes à língua e que ocorrem, de fato, quando utilizadas por seus falantes.

Com o avanço dos estudos linguísticos e com a reformulação da legislação educacional brasileira, principalmente após a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), os livros didáticos passaram a contar com uma nova visão do fenômeno linguístico, ou seja, passaram a aceitar a variação linguística como fato resultante do uso social da língua.

Mesmo com a inclusão da temática nos nossos documentos oficiais, assim como nos livros didáticos, para Carlos Alberto Faraco (2007, p. 42), “temos que reconhecer que estamos muito atrasados na construção de uma pedagogia da variação linguística”. Segundo esse autor,

Nos livros, os fenômenos da variação são ainda marginais e maltratados (são abordados tendo a “cultura do erro” como pano de fundo). Quando se fala em variedade da língua, predominam referências à variação geográfica (sem dúvida, a mais fácil de ser abordada por envolver menos preconceito do que a variação social). No entanto, os fenômenos são aqui apresentados muito mais de uma maneira anedótica do que como expressões linguísticas da história das comunidades de cada região. (FARACO, 2007, p. 42-43)

Concordamos com Carlos Alberto Faraco (2007) quando o mesmo afirma que “não conseguimos ainda construir uma pedagogia adequada” para tratarmos do tema variação linguística em sala de aula, uma vez que os professores se baseiam puramente nas atividades propostas nos livros didáticos, que por sua vez, tratam superficialmente do assunto e com total ausência de uma pedagogia voltada para essa área. Além disso, não temos uma política de incentivo à pesquisa linguística na escola, bem como à formação de grupos de estudo que possam contribuir para uma linguagem, ao menos regional.

Com o intuito de observar de forma mais precisa como a variação linguística vem sendo tratada pelos livros didáticos, analisamos três livros de português destinados ao 6º ano do ensino fundamental, sendo 01(um) volume da Educação de Jovens e Adultos (EJA), utilizado no triênio 2014-2016 e 02 (dois) do ensino regular, sendo: o primeiro volume utilizado no triênio 2014-2016 e, o segundo, a ser utilizado nos anos 2017-2019, todos avaliados e adquiridos pelo PNLD, distribuídos nas escolas da rede municipal da cidade de Humaitá (AM), conforme trataremos a seguir.

3.1. A análise e os resultados

Observamos que os livros didáticos definidos pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD e disponibilizados nas escolas, em especial ao ensino fundamental, alvo da nossa investigação, ainda dispõem de uma abordagem superficial e, muitas vezes, distorcida da variação linguística do português brasileiro, em particular. Os textos apresentam poucas questões abordando os fatores de coerência e coesão, sendo essa última explorada só nos elementos catafóricos. Da mesma forma as variações extralinguísticas quase nem aparecem nas questões de interpretação, cabendo, a nosso ver, ao professor habilidoso e conhecedor dos fatos da língua, o papel de inserir, contextualizar questões de seu conhecimento de mundo e regional, uma vez que os livros apresentam de forma superficial as noções dos tipos de variação, com exemplos de senso comum

e não baseadas em pesquisas dos centros dialetológicos brasileiros e dos grupos consolidados de sociolinguística.

Observamos que as perguntas apresentadas nos livros didáticos analisados, baseiam-se em interpretações dos gêneros e poucas questões de interpretação linguística. Abordam *en passant*, ou seja, de modo muito superficial o tratamento das variações sem nenhum enfoque científico, baseado, supostamente na experiência dos autores do texto e do vocabulário usado no dia a dia (nas redes sociais, nas mídias, nas escolas) e que os autores exploram pelo que se ouve dizer ou o que se escuta no cotidiano e tentam, através de alguns gêneros, explorar de modo “caricato” as variações, confundindo a análise com questões que abordam o tipo de linguagem, esquecendo ou não aplicando de modo correto e seguro os fatos linguísticos referentes as diversas maneiras de falar do país, e da região, em particular. Pelo contrário, nos pareceu atividades extremamente preconceituosas e sem uma coerência no trato com as variações tanto linguísticas quanto extralinguísticas.

Para ilustrar o que afirmamos a respeito da análise dos livros didáticos, mencionados anteriormente, mostraremos os resultados através de uma tabela, utilizando apenas os tipos de variação resultantes de condicionadores extralinguísticos, sendo: a) diacrônica, também chamada de variação histórica; b) diatópica, também conhecida como variação geográfica ou regional; c) diastrática ou variação social; d) diafásica ou estilística; e) diagenérica e f) diageracional

Tipos de variação	Livros didáticos analisados		
	Vol. 1	Vol. 2	Vol. 3
Diacrônica	x	-	x
Diatópica	x	x	x
Diastrática	x	x	x
Diafásica	-	x	x
Diagenérica	-	x	-
Diageracional	-	x	-

Tabela 1: Presença de variação linguística nos livros didáticos analisados.
Fonte: SOUZA, 2017. Elaboração própria.

Com base nos dados da tabela acima, é possível constatar os seguintes resultados: as variações diatópicas (regionais) e diastráticas (sociais) são as mais contempladas, ou seja, aparecem em 100% dos volumes analisados. As variações diacrônicas (históricas) e diafásicas (estilísticas) são abordadas em dois dos três livros analisados. Por outro lado, as variações diagenérica (de gênero) e diageracional (faixa etária) são as

menos abordadas, uma vez que, ambas, aparecem apenas em um dos três volumes. A respeito da presença ou ausência dos tipos de variação linguística, por volume, constata-se que, no primeiro, são abordadas apenas as variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas. No segundo, apenas a variação diacrônica não se faz presente. Enquanto isso, no terceiro volume, não são abordadas as variações diagenéricas e diageracionais.

Com base nas constatações, é perceptível o distanciamento entre o que é estudado na escola, através dos livros didáticos, e aquilo que é produzido na universidade em relação aos estudos linguísticos, pois a maioria dos manuais didáticos trata o fenômeno da variação linguística sem nenhuma fundamentação teórica.

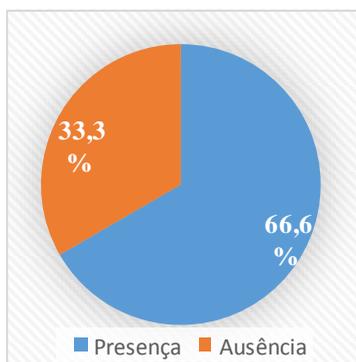


Gráfico 1: Distribuição de frequência da variação diacrônica.

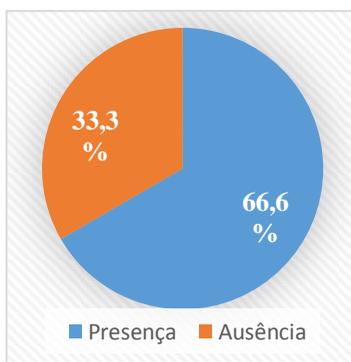


Gráfico 2: Distribuição de frequência da variação diafásica

No primeiro gráfico, observa-se que a variação diacrônica (histórica) é abordada na maioria dos volumes analisados.

A exemplo da diacrônica, a variação diafásica está presente em 66% dos livros em questão, conforme mostrado no gráfico 2.

Os gráficos 3 e 4 mostram que as variações diagenérica e diageracional são as menos abordadas, já que ambas aparecem em apenas um dos três volumes analisados.

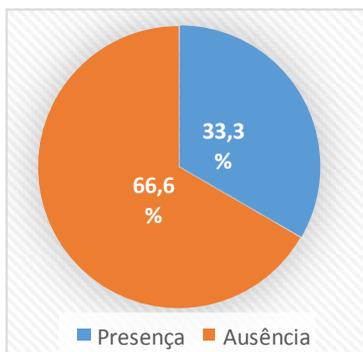


Gráfico 3: Distribuição de frequência

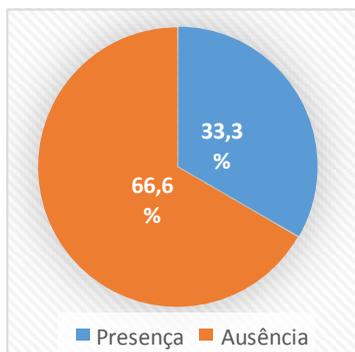


Gráfico 4: Distribuição de frequência

4. Considerações finais

Podemos constatar, através das pesquisas bibliográficas realizadas, nas quais buscamos compreender o fenômeno da variação linguística, que as variedades diferentes daquela prestigiada socialmente não são erradas, nem inferiores, nem mais pobres – são apenas diferentes, pois todas elas são eficazes na comunicação humana e, portanto, dignas de consideração. Acreditamos que, se essa concepção for trabalhada no ambiente escolar, poderá colaborar, de forma significativa, para o combate aos preconceitos linguístico e social contra aqueles que não se expressam na variedade considerada padrão.

Em relação à análise dos três livros didáticos descritos nesse trabalho, observamos que a abordagem da temática ainda é resumida e distorcida. Em nenhuma parte dos livros analisados é mencionada a pluralidade de línguas no Brasil, pois como é de nosso conhecimento, existem, em nosso país, diversas línguas indígenas, oriundas dos primeiros habitantes, além de línguas de origem africana, europeia, asiática, trazidas pelos imigrantes.

Enfim, esperamos que este artigo possa contribuir, de forma significativa, com o trabalho professor de língua portuguesa em sala de aula, no que diz respeito à variação linguística, visando o desenvolvimento e a ampliação discursiva dos alunos, assim como a promoção da cidadania e o combate aos preconceitos tanto linguístico quanto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática*: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna*: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

_____. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 49.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna*: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos*: segundo segmento do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf>. Acesso em: 16-09-2017.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, Carlos Alberto et al. (Orgs.). *A relevância social da linguística*: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

_____. *Linguística histórica*: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005.

FIORIN, José Luís. (Org.). *Introdução à linguística*. 5. ed. São Paulo: Cotexto, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente*: a língua que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

estudamos a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Trad. e org.: Rojo e Cordeiro. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola, 2004.